

# 123 PONTEIROS DE BRASIL

123 pointers of Brazil

123 agulhas de Brasil

> Elilson [Universidade de São Paulo, Brasil]\*

ELILSON. 123 ponteiros de Brasil. Revista Poiésis, Niterói, v. 23, n. 39, p. 115-130, jan./jun. 2022. [DOI: <https://doi.org/10.22409/poiesis.v23i39.52953>]

Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2022 Elilson

**RESUMO** Neste texto, que intercruza características dos gêneros crônica e relato, desdobro em escrita o trabalho "123 ponteiros", realizado em 2021. Concatenando performance, memória oral, produção serigráfica, arte postal e arte correio, o mote do trabalho era promover uma rede de contação de histórias sobre o Juquery, colônia psiquiátrica que teve o serviço de internação de permanência desativado no início de 2021, após 123 anos de funcionamento ininterrupto. No trabalho, o número 123, além de se referir a esse marco temporal, indica a quantidade de pessoas que receberam telefonemas, mensagens de voz ou foram interpeladas nas ruas de Franco da Rocha para partilhar ou ouvir memórias sobre o Juquery, como se cada participante fosse um ponteiro mobilizador da História sempre em curso. Enquanto descrevo as ligações e agrupo as falas das pessoas interlocutoras, sugiro reflexões sobre as noções de escuta e existência.

**PALAVRAS-CHAVE** Juquery; memória oral; arte postal; arte correio.

\* Elilson é artista, pesquisador, professor e doutorando em Artes Visuais na USP. E-mail: [elilson@hotmail.com](mailto:elilson@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7974-6304>

Revista Poiésis, Niterói, v. 23, n. 39, p. 115-130, jan./jun. 2022. [DOI: <https://doi.org/10.22409/poiesis.v23i39.52953>]

**ABSTRACT** In this text, which intersects both chronicle and narrative characteristics, I unfold in writing the work "123 pointers", performed in 2021. By concatenating performance, oral memory, silk screening and mail art, the work aims to promote the storytelling about Juquery, a psychiatric colony that has ended its confinement program in 2021, after 123 years of continual functioning. The number 123 not only refers to this timeframe, but also indicates the amount of people that received phone calls, voice messages or that were consulted in the streets of Franco da Rocha in order to share and hear memories about Juquery, as if each participant was a pointer and a mobilizer of the ongoing History. While I describe the phone calls and assemble the participants' speeches, I take note on some reflections about the concepts of listening and existence.

**KEYWORDS** Juquery; oral memory; postal art

**RESUMEN** En este texto, que conecta características tanto de la crónica como de la narrativa, elaboro en forma escrita el trabajo "123 agujas", realizado en el año de 2021. Concatenando performance, memoria oral, serigrafía y arte postal, el trabajo busca promover la narración de cuentos sobre Juquery, colonia psiquiátrica que cerró su programa de internación permanente en 2021, tras 123 años de funcionamiento ininterrumpido. El número 123 no solo se refiere a este marco temporal, pero también indica la cantidad de personas que recibieron llamadas telefónicas, mensajes de voz o que fueron consultadas en las calles de Franco da Rocha para compartir y escuchar memorias sobre Juquery, como si cada participante fuera una aguja y un movilizador de la Historia siempre en curso. Mientras describo las llamadas telefónicas y agrupo los diálogos con los participantes, reflexiono sobre los conceptos de escucha y existencia.

**PALABRAS CLAVE** Juquery; memoria oral; arte postal





ELILSON. *123* ponteiros de Brasil.



“Esses ponteiros, como a vida, fluem, ainda que pareçam parados”. Esta frase é uma tradução livre da inscrição em latim gravada no relógio da Torre Central do Juquery, complexo hospitalar e colônia psiquiátrica fundada em 1898 na cidade de Franco da Rocha, município da região metropolitana de São Paulo. Tal sentença foi o mote para o trabalho “123 ponteiros”, que realizei – juntamente a mais de uma centena de vozes que compõem o presente texto – entre agosto e setembro de 2021 como parte da programação da 4ª edição do festival de artes Soy Loco por ti Juquery<sup>1</sup>.

Em 2021, ano marcado pela desativação do serviço de internação psiquiátrica de permanência após 123 anos de funcionamento, o festival frisou, em sua chamada aberta para intervenções, esse processo de transformação do Juquery. Concebi, então, “123 ponteiros” como uma ode a esse marco temporal. A ação concatenou performance, história oral, escrita, produção serigráfica, arte postal e arte correio. O número 123 é indicativo da quantidade de pessoas – moradores e ex-moradores de Franco da Rocha e arredores, agentes culturais, funcionários e ex-funcionários do Juquery - para as quais telefonei de supetão, troquei mensagens de voz ou abordei nas ruas de Franco em duas visitas.

Nessa rede multivocal, as pessoas compartilharam suas memórias mais marcantes em relação ao Juquery, bem como previsões e provisões, isto é, desejos de ações e indicações do que pode se tornar esse espaço, agora em franca disputa simbólica, discursiva e política. Posteriormente, cada um dos 123 participantes recebeu – a maioria via correios: interlocutores por chamadas e mensagens de voz; uma parte pessoalmente: transeuntes abordados nas ruas de Franco da Rocha – um envelope contendo um cartão metalfilm [espelho] com a frase do relógio impressa em serigrafia, além de uma carta relatando algumas das conversas, memórias, confissões e vontades expressas nos telefonemas e trocas de áudios. Em linhas gerais, o intuito era, via voz, estabelecer uma espécie de engrenagem poética e política para agrupar um recorte de imaginários e imaginações sobre o Juquery, simbolizando cada participante como um ponteiro mobilizador dessa História sempre em curso.

Assim, relatarei a seguir um conjunto das histórias que conheci ao pé do ouvido. Memórias e partilhas encadeadas por timbres que me fizeram não só imaginar minúcias dos rostos, gestos e espaços domésticos de quem eu escutava, mas também restituir estradas, corredores, pavi-

Lhões, alas e pacientes do Juquery em diferentes épocas. Talvez essa constituição visual aconteça também para você ao ler este texto, afinal, a oralidade permite que façamos uma espécie de cinema de voz: a contação, a prosódia, as entonações, as pausas e as hesitações geram a dramaturgia de imagens no pensamento.

Ao acionar dramaturgia e imagem, aproveito para deixar evidente o fato de este texto ser um recorte mínimo: não há pretensão nem mesmo possibilidade de, aqui, refletir a densidade e a multiplicidade de camadas inerentes ao Juquery: complexo de sucessivos apagamentos, que nos anos 60 e 70 já chegou a ter mais de 15 mil pessoas internadas de uma só vez. Nesta massa, não só enfermos mentais, mas todos aqueles que, como me disseram algumas interlocutoras, “não deveriam ser vistos socialmente”: prostitutas, mães solteiras, negros, homossexuais, transexuais, imigrantes, retirantes, alcólatras, pessoas desabrigadas, desorientados pela Guerra, presos políticos... Enfim, um “depósito de indesejados e execrados”, uma “dispensação de gente que não servia ao sistema”, um “centro oficial da eugenia”, uma “parte do holocausto brasileiro”<sup>2</sup> *outorgado fora acima da lei* por um Estado que utilizava o Juquery como “depósito de gente renegada e excluída”,

como um centro de operação institucionalizada do racismo e das demais violências estruturais. Em outros termos, podemos adjetivar o Juquery como uma parcela significativa deste “indigesto trópico”, expressão certa utilizada pelos editores deste dossiê, visto que estamos falando de 123 anos de história de Brasil.

Além dos tantos episódios de apagamentos da vida intensificados ao longo das décadas por incêndios, destruição de arquivos e registros de torturas, em um lugar em que não foi incomum funcionários se tornarem pacientes<sup>3</sup>, este texto-coro também reúne um clamor das pessoas para que se enxergue a convivência entre dor e alegria no Juquery, onde “também havia e há muita beleza por trás das paredes”, vide a relação de amizade entre muitos funcionários e pacientes, os festejos realizados coletivamente, as faturas de natureza entre as alas do Complexo e a expressividade dos artistas internos, cujas obras compõem o acervo de mais de 8000 obras do Museu de Arte Osório César<sup>4</sup>.

Em meio a tantos episódios de descaso e horror, também ficou evidente nas conversas que compuseram este trabalho o elo afetivo das pessoas com o Juquery: não só por parte dos moradores de Franco da Rocha, que em sua maioria absoluta se referem ao espaço com

o codinome “Juca”, quase como se falassem de um membro da família, mas também das pessoas que trabalharam no hospital entre a década de 60 e os anos 2000, cujos relatos desvelam, a partir da confusão pronominal típica do ato de lembrar, a vivacidade das lembranças: *lá* no Juquery muitas vezes virava *aí* ou *aqui* no Juquery na mesma frase. Antes de vocalizar esse conjunto de imagens localizadas verbalmente no tempo, agradeço a atenção dos que fazem e leem esta revista, não deixando de pedir licença a todas as vozes que compõem este trabalho: as nossas e as dos vivos e mortos que passaram pelo Juquery, incontáveis nomes sem corpos e inumeráveis corpos sem nomes, que são vivazes na memória da cidade, de quem passou na cidade e, agora, talvez também na nossa.

Pessoas que nasceram no Juquery, caminharam por suas áreas verdes, trabalharam nas alas psiquiátricas e administrativas, visitaram familiares internos, utilizaram serviços hospitalares e escolares, frequentaram padaria e biblioteca, realizaram ou foram espectadores de ações artísticas, famílias inteiras que trabalhavam no “Juca”, pessoas que se apaixonaram e se assustaram em seus corredores e pavilhões... As memórias *confiadas* vão de questões muito ínti-

mas a relações afetivas, abusivas, profissionais e vivências cotidianas. Para muitas pessoas, o que se finca é sensorial: o preparo da massa e o cheiro do pão assando na padaria do hospital; o aroma da grama bem molhada pela chuva; os cupinzeiros alaranjados em contraste constante com a vegetação bem, bem verde; o barulho da fonte de água; uma árvore nascida e presa no teto; o odor de creolina e urina do pátio; matilhas de cachorros soltos e latindo pelo espaço; abacates e jabuticabas colhidos e caídos pelas vias de terra; os sussurros dos internos por trás dos muros ou os gritos de apelo dos que imploravam, por trás das celas, ajuda para ir embora

Para outras, as memórias mais intensas são as fachadas dos prédios, as escadarias da biblioteca e os paredões dos pátios. A maioria se *recordava*, ou seja, *trazia de volta ao coração* ações coletivas: peças de teatro, contações de histórias e festas com os pacientes; visitas ao Museu e excursões escolares; feiras de artesanato, bicicletadas e piqueniques; conversas com os internos que caminhavam pelo Juquery ou com os que circulavam uniformizados pela cidade e tentavam, sem sucesso, embarcar no trem rumo à Estação da Luz.

Logo na primeira ligação, efetuada para um agente cultural de Franco da Rocha integral-



mente interessado e dedicado à preservação memorial do que aconteceu por mais de um século naquele espaço, entendi que a matéria crucial deste trabalho é o princípio de que a História pode ser reinventada pelo elo de nossas memórias. Mesmo que seja impossível alterar o passado, nosso ato de seguir contando demarca o que deve ser cultivado e o que não deve ser repetido. Como ele me disse, o Juquery é um espelho do Brasil e, no caso de Franco da Rocha, todas as narrativas, como um rio, desaguam ali. Após descrever as primeiras vezes que pisou ainda criança no Juquery e as primeiras coisas que leu a respeito já adolescente, me fez um pedido: de que todo mundo que viesse a ler sobre nossa conversa tivesse em mente que, caso um dia visite o Juquery, ande a esmo pelo espaço e pare onde sua intuição decidir. Feche os olhos, respire profundamente e pense em cada pessoa que foi presa ou que morreu naquele lugar, balbucie cada história que ainda não foi contada.

Nas semanas subsequentes, entre ligações recusadas, números fora das áreas de cobertura, mensagens de voz respondidas, áudios ignorados, telefonemas prolongados e chamadas lacônicas, compreendi que a espera é um substrato da escuta, e isto é um aprendizado

de corpo todo: a prontidão da coluna enquanto o braço segura o telefone, em viva voz, às beiras das orelhas; o pescoço curvado, os olhos estatelados e os dedos pressionando os lábios quando o relato contado do outro lado da linha emudece por pavor ou encantamento; as palmas das mãos suando em ânsia e a frustração dos ombros caídos para baixo quando a chamada dispara ou as ligações são repetidamente declinadas; o sorriso desenhado por completo no rosto e o olho passeando pelas paredes esboçando a curiosidade-desejo de querer constituir o rosto por trás do timbre; a lombar afundada, após horas de mensagens a fio, como se a cadeira virasse o próprio charco que se traduz pelas retóricas: Como isso pôde acontecer? O que é [im]possível depois disso? Os tímpanos e as pálpebras latejando simultaneamente quando se escuta algo completamente novo...

*Ouvi que o primeiro interno do Juquery foi, possivelmente, um escravizado alforriado. Houve a funcionária que, sendo admitida em 1982, afirma ter se deparado com 17 mil internos, mas é de 2 deles que se lembra todos os dias: um idoso que nunca falava e tinha uma tatuagem-marca de um campo de concentração nazista; e uma japonesa bem velha, fugida da Guerra para o Brasil, mandada do Porto de Santos direto para o Juquery, que todo dia e o dia todo gritava uma única frase: 私が私をここから連れ出します! [Darekaga watashi o koko kara tsuredashimasu!]<sup>5</sup>.*

Ouvi sobre um pai e avô internado compulsoriamente por “alcoólismo” e impedido de viver com sua família por mais de quatro décadas. Houve uma funcionária ainda em atuação que repetiu três vezes a importância de não esquecermos dos torturados pelos choques elétricos e pela hidroterapia no porão e na rotunda. Ouvi de outra trabalhadora sobre as denúncias sociais presentes nas obras da artista e paciente Aurora Cursino; a mesma funcionária me disse que tudo que ela é hoje, na vida, deve a outra paciente-artista: Cidinha. Houve o adolescente que conclamou que a história deve ser mantida com força. Ouvi de uma senhora que se um espaço está em decomposição, a memória se esfarela. Houve um paciente que viveu 86 anos no Juquery e só no final da vida, faltando mesmo pouquíssimos anos para morrer, conheceu o que *é viver fora*. Ouvi que todos os presos políticos da ditadura militar saíram do Juquery sem vida.

Houve um cobrador de ônibus que levava e buscava os funcionários, sempre com uma caneta bic encaixada na orelha e o *sorriso mais largo que se vê na vida*. Ouvi que o Juquery é um lugar constantemente *antigüecendo*. Houve uma árvore que nasceu do teto, em uma das alas, que mudou por completo o pensamento do jovem artista em relação àquele espaço.

Ouvi o rapaz que, por pura vontade, passou dez dias acampado na área livre do Juquery e até hoje diz sentir a presença da *multidão de machos que pintaram miséria naqueles prédios*. “É mais de um século de afetação masculina in-crustrada, você quer o quê?!” Houve a mesma árvore que brotou do teto sendo sumariamente arrancada. Ouvi os cachorros soltos pelas áreas de convivência, latindo sem parar.

Houve o professor que saía de uma escola próxima e entrava escondido para recolher abacates. Ouvi os internos que andavam soltos, cumprimentando a todos como se os conhecessem há muito tempo. Houve uma pinguela – ponte rústica de tronco que servia de atalho entre algumas alas – que transmitia uma firmeza de quem nunca iria cair. Ouvi um ex-segurança que não se lembra de *absolutamente nada, nada, nada, nada de nada, tudo se apagou*, e que não *desmente por mágoa, só não lembra mesmo*. Há o ex-padeiro do hospital que até hoje esfrega as mãos e sente o cheiro da massa de pão. Ouvi que o universo da loucura te acompanha desde menino se você nasce em Franco da Rocha. Houve um paciente que produzia bolas de meias para as crianças da cidade. Ele pedia meias para todo mundo, e bastava que você fosse lá e dissesse

que tinha crianças para presentear, que preparava as bolas, *que eram fantásticas, durinhas, tanto que até pululavam quando batiam no chão!* Ouvi que um menininho vivia perguntando: “Como ele pode ser de carne e osso e fazer bolas de meia? Ele deveria ser de pano também!”. Houve um carimbo no uniforme de brim amarelo desse paciente que identificava seu setor: Departamento de Psicopatas II.

Ouvi sobre os pacientes que passeavam “semi-livremente” pela cidade, porque o uniforme do hospital psiquiátrico limitava seu percurso e impedia o acesso ao trem. Houve um funcionário que montou uma peça de teatro nos anos 1970 chamada “Os loucos vêm de fora”, tentando expressar *a visão do louco para o mundo e não do mundo para o louco*. Ouvi que quando o trem parava na estação Franco da Rocha os passageiros sempre gritavam em coro: “Quem é louco desce aqui!”. Houve o mesmo funcionário dizendo que o Juquery era apenas a central de recolhimento, pois todos os loucos vinham de fora. Ouvi outra funcionária dizendo que fundou um grupo de intervenção artística chamado “Loucos pela vida”. Houve minha comoção ao identificar, em telefonemas distintos, dois funcionários que acharam amor no meio do movimento grevista e se enamoraram por anos

nos corredores do Juquery, mas que há décadas não se falam ou se veem. Ouvi de um rapaz que o Juquery é uma fábula fantástica impossível de ser traduzida.

Houve a enfermeira que fez uma prece em voz alta na noite em que caiu a energia geral e ela estava sozinha numa sala com vários internos. Ouvi as risadas da mulher que frequentava quando criança todas as festas que seu pai e sua mãe, ex-funcionários, promoviam mensalmente para os pacientes. Houve a servente que já chegou a distribuir comida sozinha para mais de 700 pacientes, e que ainda chegou a levar pontapés na barriga grávida da paciente *mais bonita, a que ficava reinando num quintal*. Ouvi a voz embargada da funcionária que se emociona só em dizer a palavra Juquery, e que ainda se lembra da temperatura do sol de 20 de março de 1974, o primeiro dia dos 34 anos em que trabalhou ali. Houve Altina, a paciente que mais a ajudava, que não saía de perto de jeito nenhum, que tinha a risada mais gostosa e alta do Juquery, e que um dia pediu uma Coca-Cola bem gelada, dizendo que era seu último dia. “E você vai embora pra onde, vai receber alta, tá mentindo agora?! E não é que ela morreu naquela noite?”. Ouvi sobre os inúmeros pacientes que recebiam alta e

simplesmente sumiam e sobre os funcionários que nunca eram informados disso e que, portanto, tinham que aprender a não se apegar. Ademais, “os ciclos são assim, têm ascensão e queda o tempo todo. Se a gente não se apega, na vida se sofre menos”.

Houve o rapaz que ao término das aulas de circo e de teatro sempre alisava o tablado, passando a mão na borda toda, de um canto a outro, sendo chamado de maluco pela turma. Ouvi a história da mulher que tinha 11 anos quando a família de 8 pessoas saiu retirante do Ceará, sem qualquer bem ou garantia. Seu tio morava em Franco, tinha amigos que trabalhavam na Colônia e a primeira noite que dormiram em São Paulo foi dentro do Juquery. Ela nem precisa fechar os olhos para lembrar dos gritos de dor, outros de susto. Houve essa mesma mulher trabalhando na fase adulta no Juquery, mas não conseguindo passar mais de seis anos, já que sofria desde a hora em que entrava. Ouvi sobre a paciente Carol, que andava agarrada com uma boneca, tinha a língua presa e exclamava o dia inteiro: “Ai, credo!”. Por amar carne moída, Carol sempre perguntava: “Hoje vai ter boi ralado?!”. Houve um fato consumado e repetido: a maioria dos pacientes sempre foram as mulheres!

Ouvi sobre um grupo de mulheres que passava o dia fazendo tranças nos cabelos e entoando cânticos divinos. Houve uma psicóloga que só se acalmava quando parava e olhava para elas. Ouvi de sua boca que quando a gente canta acontece uma conexão com uma coisa buscada de dentro, e que ela só não enlouqueceu trabalhando ali, nem virou uma interna, porque todos os dias, antes de botar o primeiro pé dentro, falava em voz alta que não tinha nenhum poder além de preencher prontuários. Houve alguém que caracterizou como tênue a linha entre ser paciente e funcionário. Afinal, “dor e remédio, ali, se tinha de sobra”. Ouvi o barulho das moedinhas sendo arremessadas no chafariz e os gritos de “vai voar cocô!”, quando se esquecia do perigo e se passava bem perto do muro alto que beirava o pronto-socorro. Há quem diga que o arremesso de merda era simultaneamente um jogo e um recado dos pacientes. Ouve-se sempre um monte de vozes falando ao mesmo tempo.

Há a moradora que só anda no Juquery uma vez por ano a fim de ver o pai, que era funcionário e virou interno, em todos os cantos. Ouvi que para trabalhar num lugar assim e permanecer bem, você tem que fazer com que o coração esteja sempre fervendo. Houve Jandira de Paula,

paciente crônica, que conscientemente tinha muitos rompantes e quebrava todos os vidros só para ser mandada para a rotunda e gozar do “direito de estar sozinha”. Ouvi uma mulher que adotou dois pacientes que não tinham ninguém, e eles moraram com sua família até a morte. Havia o paciente Ambrósio, de dois metros de altura, que tremia de medo assim que avistava Mané, um dos menores dentre todos os internos do Juquery. Houve também Pequeninho-grandão, um paciente que se apresentava assim, porque sempre se comparava às crianças. Ouvi o “bom dia, Santa Rita” que a funcionária falava diariamente, quantas vezes passasse em frente à capela. Há o relato sobre o “banal inexplicável” que é ver o exato momento em que a fonte de água seca, justo na última visita para o avô, que viria a morrer em fração de minutos. Ouvi o som de helicóptero, que às vezes abafa e acalma os gritos dos pacientes. Ainda mais alta que o motor e as hélices foi a voz de uma professora que falou do dever e da necessidade de entendermos os internos das colônias psiquiátricas brasileiras como nossos antepassados.

Houve um professor que, sorrindo, falou que pensar em termos de Juquery é ver os rostos de Mário Pacanaro e Ranulfo Faria, artistas que

sempre encantaram o lugar com suas músicas. Ouvi a moça que foi um bebê deixado no Juquery, seu símbolo mor de origem e gatilho. Houve a psicóloga que fazia treinamento no Complexo e pairou o olhar na janela da sala de aula a elaborar o trauma de um suicídio recente. Ela ouviu uns pratos sendo jogados contra a parede e finalmente percebeu estar muito perto do pátio, lugar que simbolizava, para ela, o contrário de uma das principais lutas do campo da psiquiatria: não tratar a doença mental com encarceramento. Houve as detentas que alisaram bastante seu cabelo. Ouvi sobre o medo que o filho de uma funcionária tinha ao ver as dezenas de pacientes nus. Houve também os pacientes com os uniformes bem alinhados, que saíam diariamente pela cidade para pedir cigarro e conversar com os taxistas.

Ouvi sobre a internação de uma estrangeira ca-deirante, “canadense ou alemã”, que aprendeu um pouco de português e contava que foi parar ali somente porque se apaixonou por um rapaz de outra classe social. Há rumores de que ela certamente morreu só. Havia o funcionário que ordenava que a filha tapasse os olhos ao entrar em sua ala de trabalho, porque os internos sempre estavam despidos. Ouvi seu resmungo de ironia ao confessar que sempre espiava,

bem como seu suspiro prolongado tanto ao lembrar do dia em que flagrou um homem levar eletrochoques num porão, quanto a imitar os gritos que nunca saem de sua cabeça. Houve a funcionária que conversava diariamente com os “inofensivos”, pacientes que circulavam livremente entre os moradores da cidade, pedindo que telefonassem para algum familiar, pois estavam ali sem qualquer motivo e contra suas vontades. Ouvi que sua vontade era escrever uma carta ao Estado até descobrir, prontuário por prontuário, que aquelas prisões eram ações do próprio Estado. Houve Gertrudes, a paciente que todo domingo ganhava macarrão com galinha caipira da prima que religiosamente a visitava. Ouvi de uma estudante secundarista que o Juquery não pode ser resumido e restringido à ideia de reserva ambiental. Houve um homem que proclamou que um povo que não olha para a história vive fadado a repeti-la: os eletrochoques voltaram a circular como itens nas listas de equipamentos em documentos oficiais do Governo Federal em 2019. Ouvi que o Carandiru e o Juquery foram projetados pelo mesmo escritório de arquitetura, Ramos de Azevedo. Houve uma faixa erguida pela voz:

DIFERENÇA NÃO É DOENÇA.

ELILSON. *123 ponteiros de Brasil.*

Na última mensagem de voz recebida, descobri a história da funcionária, que, crente de que estava grávida de um menino, até os nove meses era interpelada diariamente por uma paciente que a parava nos corredores para entoar: “O nome dela é Jéssica, eu já falei para você”. O refrão, que aparentemente sinalizava o principal sintoma clínico daquela mulher, que foi internada pelo simples fato de não parar de cantar, acabou batizando a filha, que nasceu sem nome, visto que supostamente seria um garoto. Hoje, Jéssica estuda canto e trabalha como cantora. Livremente, conta e canta.

Andando pelas vias do Juquery, após assistir às últimas rodas de conversa e ações memoriais do Festival e distribuir envelopes para participantes e transeuntes, me peguei cantarolando “Jéssica” no pensamento ao tentar burlar as regras de segurança patrimonial e me aproximar do relógio da torre central, com o desejo de fotografá-lo refletido em um dos postais. Após aparentemente ludibriar uma das seguranças, presenteando-a com um envelope, isto é, como um dos 123 ponteiros, consegui alcançar o pátio da torre central. Eram 17h13 quando outra segurança, após receber a informação por rádio, se aproximou para coibir o acesso. O relógio badalou um estrondo fora de compas-

so e de hora. Inexplicável, segundo a própria segurança<sup>6</sup>. Tentando pontuar este texto, lembrei-me há pouco de uma ex-funcionária, que me disse ao telefone que a memória é uma invenção. Ela lançou, por fim, uma pergunta que não pude responder no dia, tampouco o farei aqui: “Falar sobre a história faz a gente mover a história?”. Por hora, me agarro à tentação sonora de afirmar que escuta e existência são cognatos políticos.



Exemplar do postal espelhado e carta enviados via correios ou distribuídos pessoalmente no festival em envelopes carimbados com o título do trabalho. Foto: Maria Capai]



Crédito: Portal Regional News. Relógio do Juquery voltou a funcionar após décadas parado | [rnews.com.br] Acesso em: 18 set. 2021]

## NOTAS

1 O título do festival é grafado dessa maneira, sem se separar o termo Juquery por vírgula, como vocativo. Desde sua primeira edição em 2018, o festival se propõe a ocupar o espaço do Juquery com ações artísticas, rodas de conversa, exhibições de filmes, dentre outras atividades, com o objetivo de frisar a relação fundamental entre arte e psiquiatria que perpassa a história desse lugar, bem como estabelecer diálogos e reconstituir coletivamente as memórias em torno do Complexo, tentando ressignificar, em seu título, a carga semântica negativa atrelada ao termo “louco” e, conseqüentemente, o estigma de loucura associado à cidade de Franco da Rocha e aos seus moradores. Conheça mais em: [home](#). | SoyLocoPorTijjuquery

2 Todas as frases grafadas entre aspas neste texto são de autoria das pessoas com as quais conversei por telefone. Embora eu as liste no final do texto, como agradecimento geral, preservo suas identidades em frases específicas por dois motivos: frisar a polifonia como matéria principal deste trabalho e respeitar o desejo de anonimato de alguns participantes. A expressão “holocausto brasileiro”, de modo particular, se refere ao título do livro da jornalista Daniela Arbex, que retrata os inúmeros crimes contra a humanidade praticados no Hospital Colônia de Barbacena, cujo histórico se assemelha bastante ao que ocorreu no Juquery.

3 Dentre os inúmeros artigos acadêmicos e dossiês investigativos sobre o Juquery, deixo aqui dois títulos de livros que podem interessar à leitora e ao leitor para ter dimensão desses bastidores: “Cinzas do Juquery: os horrores do maior hospital psiquiátrico do Brasil”, colaboração entre José da Conceição, ex-funcionário e o jornalista Daniel Navarro Sonim, e “O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo”, da autora Maria Clementina Pereira Cunha.

4 Localizado e sediado no acesso ao Juquery, o Museu é intitulado com o nome do médico que atuou como psiquiatra no Complexo Hospitalar por mais de quatro décadas, sendo um dos pioneiros no Brasil da aplicação da arte terapia a pacientes psiquiátricos. Fundou e dirigiu a Escola Livre de Artes Plásticas, que funcionou no hospital entre as décadas de 50 e 70. Após um período de mais de dez anos fechado por conta dos impactos de um incêndio no prédio administrativo do Juquery, o museu passou por um processo de restauro e foi reaberto ao público em 2020, com uma exposição permanente de desenhos, pinturas e esculturas produzidas por internos, muitas dessas obras de autoria desconhecida.

Fontes: <https://masp.org.br/exposicoes/historias-da-loucura-desenhos-do-juquery> <http://francodarocha.sp.gov.br/franco/artigo/noticia/9966> Acessos em: 08 nov. 2021.

5 Alguém me tira daqui!

6 Agradeço ao Caio Henrique Ramos, que viveu comigo este instante, e que colaborou na confecção das centenas de envelopes, assim como os amigos Gilson Rodrigues e Mayara Millane. Agradeço imensamente àquelas e àqueles que gentilmente atenderam os telefonemas, ouviram as mensagens de voz e decidiram, timbre por timbre, partilhar como compõem o Juquery: Matheus, Renata, Fernando, Sílvia, Luana, Edmar, Edna, Regina, Thiago, Amanda, Priscila, Rafaela, Bruna, Kadhiya, Vanda, Laudy, Yuri, Sílvia, Carlos, Juliana, Ágata, Ednaldo, Gilvan, Sandro, Neiva, Tânia, Eda, Maria, Jesuína, Danilo, Olive, Styven, Erineide, Ranulfo, Aparecida, Vanessa, Larissa, Cássia, Pedro, André, Maria, Marlene, Giselle, George, Regina, Uendel, Vanessa, Cida, João, Sílvia, George, Renata, Patrícia, Regiane, Ana, Regiane, Sueli, Douglas, Josafá, Silmaria, Simone, Marcelo, Edgar, Iraci, Elaine, Natasha, Andrea, Sílvia, Elaine, Jéssica, e a todas as pessoas que encontrei caminhando por Franco da Rocha e pelo Juquery. Agradeço por fim, e de modo especial, à equipe do festival.